

Luana Frigulha Guisso
Ivana Esteves Passos de Oliveira (orgs.)

DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES 4

**Teoria e prática em educação,
ciência e tecnologia**

DIÁLOGO
EDITORIAL

Luana Frigulha Guisso e
Ivana Esteves Passos de Oliveira (orgs.)

DIÁLOGOS

INTERDISCIPLINARES 4:

Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia

1ª edição

Vitória
Diálogo Comunicação e Marketing
2023

Diálogos interdisciplinares 4: Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia
© 2023, Luana Frigulha Guisso e Ivana Esteves Passos de Oliveira

Projeto gráfico e editoração
Diálogo Comunicação e Marketing

Capa e diagramação
Ilvan Filho

1ª edição

Conselho Editorial

Dr. Marcus Antonius da Costa Nunes

Dra. Luana Frigulha Guisso

Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira

Dra. Sônia Maria da Costa Barreto

Dra. Tatiana Gianordoli

Dra. Juliana Martins Cassani

Apresentação

Este e-book, Diálogos Interdisciplinares 4 - Teoria e prática em educação, ciência e tecnologia, é o compartilhar das pesquisas, realizadas por alunos, com o acompanhamento de seus professores-orientadores, no Mestrado em Ciência, Tecnologia e Educação do Centro Universitário Vale do Cricaré (UNIVC), com o objetivo de desvelar a construção do saber, consolidado no âmbito acadêmico.

Trata-se de uma coletânea de artigos, os quais, destacam-se como fontes de pesquisa e consulta, reiterando-se, portanto, essa obra, como de relevância, no perscrutar das práticas de sala de aula. As condutas de sala de aula denotam especificidades e singularidades, e evidenciam um processo de aprendizagem multidisciplinar, imprescindível, em tempos atuais.

A obra presta uma contribuição essencial como um legado da produção educacional realizada no Espírito Santo. A coletânea baseia-se em vivências e experiências de cada pesquisador, o que torna a narrativa ainda mais convidativa à leitura, em face ao fato de se traduzir em um conteúdo contextualizado e singular.

Estão em pauta aqui no foco Educacional estudos dos processos de aprendizagem significativa, de atendimento educacional especializado, de uma educação antirracista, da educação patrimonial na preservação da memória cultural, dos desafios da gestão escolar, de processos de inclusão escolar e acerca do papel do professor mediador em conflitos.

Bem como artigos no campo da saúde e do bem-estar, como sobre a atuação do fisioterapeuta na promoção da saúde de diabéticos e hipertensos, de um estudo acerca de um programa audiovisual na programação de atividades físicas direcionados à terceira idade, de atividades físicas motoras, do uso indiscriminado de analgésicos para o alívio da dor e um estudo sobre a violência sexual infantil.

Neste mosaico de estudos acadêmicos procuramos dar a ver um legado do passo a passo da produção realizada por discentes, com o suporte de seus orientadores, no Mestrado da UNIVC. Cada temática é o resultado de uma convivência de aprendizagem, persistência, colaboração e superação dos desafios. E é com muita satisfação que apresentamos mais uma edição dos Diálogos Interdisciplinares.

Ivana Esteves Passos de Oliveira e Luana Frigulha Guisso

Sumário

O USO INDISCRIMINADO DE ANALGÉSICOS PARA ALÍVIO DA DOR: SUAS CAUSAS E EFEITOS PARA SAÚDE	09
Alan Santiago Muri Gama e Giovanni Guimarães Landa	
APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA: PERCEPÇÕES DOS ESTUDANTES DO 6º ANO SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DO DEVER DE CASA	21
Aleziani Scherrer Santos e Yolanda Aparecida de Castro Almeida Vieira	
EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E VALORIZAÇÃO DAS PRÁTICAS CULTURAIS AFRODESCENDENTES PARA A FORMAÇÃO DOS SUJEITOS: RECORTES DE UMA PESQUISA REALIZADA NO CMEI DE UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA NO ESPÍRITO SANTO	36
Ana Luiza de Souza Christófori e André Luís Lima Nogueira	
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ENSINO DA HISTÓRIA LOCAL PARA PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL EM PRESIDENTE KENNEDY-ES	48
Carla Corrêa Pacheco Gomes	
VIOLÊNCIA ESCOLAR NO MUNICÍPIO DA SERRA/ES: A REALIDADE DE UMA ESCOLA	69
Cláudia Mariano Simões	
ATIVIDADE FÍSICA E AS HABILIDADES MOTORAS E COGNITIVAS NO ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS: EMEIEF DE JAQUEIRA “BERY BARRETO DE ARAÚJO” – PRESIDENTE KENNEDY/ES	92
Evilásio Mussy Caetano Júnior e Sônia Maria Da Costa Barreto	
VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL: UM ESTUDO ACERCA DO PAPEL DA ESCOLA NA RUPTURA DA CADEIA DE VIOLÊNCIA	112
Gabriela Vieira de Oliveira Piovezan	

OS DESAFIOS DA GESTÃO ESCOLAR NA EMEIEF SANTO EDUARDO – PRESIDENTE KENNEDY/ES: 2020/2021	163
Katia Corrêa Pacheco e Sônia Maria da Costa Barreto	
EDUCAÇÃO AMBIENTAL E AS COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DAS ÁREAS DE CONHECIMENTO DA BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR DO ENSINO FUNDAMENTAL	182
Kátia Cruz Ferreira Pinto e Yolanda Aparecida de Castro Almeida Vieira	
O ENSINO DE TABUADA ATRAVÉS DE JOGOS PARA OS ALUNOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTALII – ITAPEMIRIM/ES	198
Keila Arcanjo Freitas e Joccitiel Dias da Silva	
AVALIAÇÃO DA PRODUÇÃO DE CONTEÚDO AUDIOVISUAL PARA PROGRAMA DE ATIVIDADES FÍSICAS VOLTADAS À TERCEIRA IDADE	219
Kleyton Corrêa Borges e José Roberto Gonçalves de Abreu	
O PAPEL DO PROFESSOR COMO MEDIADOR: UMA ANÁLISE ACERCA DA PEDAGOGIA TRADICIONAL E DA MEDIAÇÃO	236
Marilda De Souza Pereira Bernardo	
ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO SOB A ÓTICA DOS PROFESSORES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	250
Rita Maria Fernandes Leal Moreira Cacemiro e Edmar Reis Thiengo	
ATUAÇÃO DO FISIOTERAPEUTA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE DOS PACIENTES DIABÉTICOS E HIPERTENSOS NA UNIDADE DE SAÚDE DA FAMÍLIA DE SANTA LÚCIA, MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY-ES	273
Sara Neves Ribeiro e José Roberto Gonçalves de Abreu	
INCLUSÃO ESCOLAR DE ALUNOS ESPECIAIS E ACESSIBILIDADE NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY/ES	296
Valdeis Correa Baiense e Marcus Antônio da Costa Nunes	
OS AUTORES	318
AS ORGANIZADORAS	321

VIOLÊNCIA ESCOLAR NO MUNICÍPIO DA SERRA/ES: A REALIDADE DE UMA ESCOLA

Cláudia Mariano Simões

1. INTRODUÇÃO

A questão da violência escolar acompanha a jornada de grande parte dos professores no município da Serra-ES. Esta é uma realidade com a qual nos deparamos e nos preocupamos quase diariamente. Esta situação de violência nos faz refletir e conversar com colegas abordando questões como: Como lidar com a violência? O que estamos fazendo para minorar esse problema? Qual visão que os profissionais, funcionários da instituição, têm acerca da violência na escola? Quais recursos temos à disposição? Como diretor, coordenadores, professores percebem essa violência e quais ações efetivas desenvolvem para acabar com este fenômeno? Qual a percepção dos pais sobre a questão da violência e como encaram esse problema?

Elegemos como problemática para o desenvolvimento dessa pesquisa: Como professores, pais e alunos concebem a violência no âmbito da Escola Pública Municipal Nova Carapina localizada na Serra/ES? Para tanto, escolhemos alguns teóricos que têm discutindo o tema violência escolar no Brasil e no mundo, uma vez que este não é um fenômeno único do nosso país. Entre os múltiplos pesquisadores e teóricos existentes sobre a temática iremos trabalhar em nossa dissertação com: Abramovay (2002); Arendt (1985); Chauí (1998; 2007); Debarbieux (1996; 2002); Laranja (2020); Paviani (2016); Perine (1987); Saviani (1985; 2000; 2001; 2005; 2007) e Tonet (2013).

A pesquisa iniciou-se considerando alguns pressupostos calcados no que aponta a literatura sobre a questão da violência escolar. Sabe-se que, de forma geral, a violência campeia nas escolas, assim como na sociedade brasileira como

um todo, de Norte a Sul do país. Alguns historiadores, como Maria Silvia de Melo e Franco (1996), já apontavam que, desde o início da colonização, a sociedade brasileira caracterizou-se pela disseminação da violência. A própria instituição da escravidão, primeiramente, a indígena e, depois, a negra, naturalizou o estado de violência que ajudou a moldar nossa sociedade.

Buscando definir o conceito de violência, apropriamo-nos do entendimento de Debardieux sobre o fato de que não é possível pensar uma única definição da violência, pois de acordo com o teórico francês

É necessário dizer que o fenômeno [violência] surge de modo relativo a uma época, a um meio social, a circunstâncias particulares. Ela depende de códigos sociais, a circunstâncias particulares. Ela depende de códigos sociais, jurídicos e políticos das épocas e dos lugares onde ela toma sentido (DEBARDIEUX, 2006, p. 93).

Para o mesmo autor, a violência tem três dimensões distintas: a degradação do ambiente escolar, a violência que existe fora da escola, mas que adentra nesta, e por fim, aquela que origina dos seus componentes internos. Nesse sentido, Charlot (2002), também entende a violência em três dimensões: violência na escola, violência à escola e violência da escola.

Reportando-se ao caso brasileiro, Sposito (1998) enxerga a violência escolar como a ação que origina no interior da escola ou aquela que tem uma estreita relação com a escola. Já Abromovay entende violência como a “[...] intervenção física ou de grupo contra a integridade de outro, ou de grupos e também contra si mesmo abrangendo suicídios, espancamentos de vários tipos [...] e todas as formas de violência verbal, simbólica e institucionais.” (ABROMOVAY, 2002, p. 93).

No Brasil, a temática violência começou a deslanchar a partir da década de 1980. Segundo Lima (2012), estávamos vivendo o momento da redemocratização do país; e a questão da segurança é um tema muito importante, sobretudo para os moradores das periferias onde este problema mais se fazia e, ainda, fa-

z-se presente. Essas populações começaram a cobrar do poder público solução para algo que afetava e, ainda, afeta diretamente suas vidas. Naquela década, o problema da violência escolar era muito distinto do que vivenciamos na atualidade, pois, de acordo com Lima

[...] a violência na escola estava basicamente voltada para ações contra o patrimônio público, todavia tal fenômeno toma uma vertente diferente na década de 1990, o que torna mais complexo, já que passa a ser percebido nas relações interpessoais em especial entre os alunos. (LIMA, 2012, p. 23-24)

Com as desigualdades sociais avolumando-se ainda mais nas décadas seguintes, o problema da violência e, mais especificamente, da violência escolar sofreu um crescimento exponencial, tomando contornos fora de controle do Estado. Então, a violência das ruas adentra na escola e vice-versa.

A pesquisa traz como objetivo conhecer e compreender os registros de violência presentes numa instituição escolar em Nova Carapina, escola municipal de Serra-ES, desejando verificar de que forma essa violência repercute na vida da comunidade escolar, em especial no desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem dos alunos.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma abordagem qualitativa, que está adequada ao trabalho desenvolvido, tendo em vista que permite uma compreensão profunda de certos acontecimentos sociais. Segundo Minayo (2012), a matéria prima do método qualitativo é a vivenciada no cotidiano, nas falas do dia a dia. Este tipo de abordagem favorece a compreensão dos sujeitos envolvidos, levando em consideração o ponto de vista e a experiência deles. O método qualitativo é flexível e adaptável ao contexto permitindo melhor interação entre pesquisador e sujeitos da pesquisa.

Uma pesquisa qualitativa é um tipo de investigação linguístico-semi-ótica, usada principalmente em ciências sociais, que consideram técnicas qualitativas. Todas as pesquisas que se diferenciam da estatística e do experimento científico, ou seja, entrevistas abertas, grupos de discussão ou técnicas de observação de participantes.

A investigação qualitativa não faz o uso principal da representação estatística, mas os problemas são minimizados através de diversas técnicas, entre elas a pesquisa e permanência no campo de pesquisa. O método mais adequado à pesquisa é aquele que permite refletir e visualizar a realidade na qual se encontra o objeto de pesquisa. Isso, no entanto, não significa que não se possa utilizar dados quantitativos para ajudar nas explicações qualitativas. Trabalhos mais recentes têm demonstrado afinidade entre pesquisa qualitativa e quantitativa.

Foram realizados alguns ajustes e reformulações no que se refere aos instrumentos utilizados tais como população, amostra, estratégias de coleta, etc. Os instrumentos principais para a realização dessa pesquisa foram os formulários Google e as plataformas de videoconferência e, diante da inviabilidade de aplicação e utilização de alguma destas, ligação por telefone.

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

A violência escolar é uma realidade presente nas escolas brasileiras. No Espírito Santo e no município da Serra, essa realidade não é diferente. Apresentaremos a seguir a análise e a discussão dos dados de nossa pesquisa, a partir do estudo de nossas fontes que foram: o livro de registro de violências escolares e as entrevistas com os educadores da escola, com alunos e com seus pais. A princípio gostaríamos de iniciar essa análise caracterizando a escola – *Lócus* da pesquisa.

Das 33 pessoas que compõem o quadro técnico-gestor-pedagógico da escola, obtivemos respostas de 20 delas, o que corresponde a 66,61% do total. O turno matutino, turno escolhido para a pesquisa tem cerca de 400 alunos, deste quantitativo escolhemos 2 turmas consideradas com maior índice de violência

escolar para ser o objeto de análise de nossa pesquisa. Logo, de 50 alunos, houve um retorno de 18 alunos que responderam e participaram dos questionários, 36% do total. Nosso recorte centrou-se no turno crítico de ocorrências, que é o matutino como alhures explicamos. Estes 18 alunos compartilharam experiências diretamente com cerca de 300 colegas de turno. Foi feita uma seleção da maneira mais heterogênea possível, procurando alunos advindos de diversas turmas, o que torna a nossa amostragem qualitativa e direcionada.

Contatar pais de alunos mostrou-se uma dificuldade, talvez a explicação se dê pela pouca familiaridade destes com recursos tecnológicos, como os formulários do Google ou mesmo pela baixa participação deles na vida escolar dos alunos, ocasionada por diversos motivos que vão desde desinteresse até impedimentos profissionais.

3.1 Manuseando os dados

Como não pudemos realizar a aplicação presencial dos questionários no universo da nossa pesquisa, em razão da pandemia da Covid 19, utilizamos a Plataforma Google. Logo abaixo apresentamos os formulários aplicados e que estão de acordo com o universo da nossa pesquisa.

a) Formulários aplicados aos professores, pedagogos e diretor

Este formulário foi aplicado aos professores, pedagogos, coordenadores e diretor da escola escolhida para a realização do trabalho. Todas as perguntas tem ligação com a sua vivência cotidiana escolar, como são tratados pelos próprios colegas de trabalho, pelos pais de alunos e também por seus alunos.

De acordo com as respostas colhidas, 95% dos entrevistados responderam que gostam do seu trabalho. Alguns complementaram suas respostas dizendo que desde que eram criança já pensavam em ser professores e que têm esta profissão como uma realização profissional e pessoal. No entanto, 5 % marcaram que NÃO gostam do seu trabalho. Por passarmos boa parte do nosso dia no trabalho, majoritariamente,

é saudável estabelecermos uma relação de bem estar com ele, visto que nossa saúde mental é a mais atingida nas relações pessoais e interpessoais no ambiente escolar.

Podemos perceber que 30% dos entrevistados acham o ambiente de trabalho calmo, enquanto que 70% responderam que sentem o ambiente muito agitado. Interessante notarmos que os integrantes da equipe não consideram o ambiente escolar violento, usaram somente a palavra agitado para descrevê-lo. As relações que se desenrolam naquele ambiente de agitação podem criar condições para comportamentos violentos, também naquele contexto específico.

Segundo Huizinga (2001) a relação do homem com o jogo é bem primitiva, gerada através do fazer e do realizar tarefas, para o início do processo de construção, que vem de forma implícita do fazer brincando, ou jogando e estabelecendo relações com o outro e com o ambiente a sua volta. De acordo com esta fala, um dos professores entrevistados nos relata que o clima na escola é bastante agitado e dinâmico. Professores e alunos dentro de sala de aula, conversas, perguntas, brincadeiras, jogos, todas essas situações tornam o universo escolar bastante ativo. “Trabalho em uma outra escola de ensino Médio que tem uma boa organização, por isso acredito que na maior parte do tempo o ambiente é calmo.”

Violência, segundo o entrevistado, pode acontecer a qualquer momento, pois as pessoas podem se tornar violentas dependendo da situação. “Sinto também que as crianças estão cada vez mais desanimadas, desesperançadas, agitadas, muitos pais são ausentes, só sabem cobrar dos professores, mas não cumprem sua responsabilidade com a família”. “A equipe escolar é muito boa para trabalhar, profissionais se respeitam o tempo todo, a escola tem sido um movimento, durante minhas aulas de educação física tem sido assim”, diz o entrevistado.

Em uma visão ampla, percebe-se que o profissional gosta de trabalhar na escola e sente-se respeitado, porém julga que a família cobra exageradamente o que ela mesma, como responsável legal, deveria cumprir com o aluno. Nesse sentido, o profissional destaca que, muitas vezes, o local e a situação podem tornar o aluno um agressor, dependendo da evolução de eventos.

De acordo com o segundo professor entrevistado “A2”, a escola tem muitas crianças em um espaço pequeno e confinado. Muitas pessoas circulam ao mesmo tempo e o clima é agitado, porém saudável. O professor relata ainda que a realidade da escola no turno da manhã, a maioria das vezes, mostra-se mais tumultuada. As turmas de 1º ao 4º ano do Fundamental anos iniciais têm um clima considerado exageradamente irrequieto e violento com muita frequência. Em alguns casos, há episódios de violência de aluno contra aluno e de aluno contra professor. Os alunos são indisciplinados; há muitas situações que acontecem por demandas internas e externas, além de haver espaços ociosos na escola e alunos sem ter o que fazer em alguns períodos.

Percebemos que deixar os alunos com tempo ocioso, sem uma condução de atividade, mesmo atividade livre, leva-os a brincar sem ludicidade; brincam de brigar, brigam e chateiam uns aos outros com brincadeiras ofensivas. Esse dado se mostra negativo, uma vez que, principalmente nesta faixa etária inicial, os alunos precisam ser alertados e acompanhados em tudo o que fazem.

Atividades orientadas são importantes, mesmo na hora do recreio, o momento em que as crianças estão livres, sem interferência e orientação do professor, nesse período são muito comuns os jogos de futebol sem supervisão, piques de corre-corre, “polícia e ladrão” e são nessas ocasiões que acontecem manifestações de agressões, com o acúmulo de alunos de várias idades e atitudes de “bullying”.

Para que isso seja evitado, é importante que todos os docentes e funcionários da escola elaborem estratégias para evitar esses transtornos. Este tipo de violência se manifesta, sutilmente, sob a forma de brincadeiras, apelidos, trotes, gozações e agressões físicas (BOTELHO, SOUZA, 2007).

Questionados os educadores se os alunos sentem carinho em relação ao trabalho e sua presença na escola, 95% dos entrevistados responderam que sim, enquanto 5% responderam que não.

Os entrevistados também foram indagados se já passaram por situação de humilhação ou de discriminação na escola, 70% responderam que não, enquanto 30% responderam que sim.

E quando foram questionados se acham o ambiente escolar seguro, houve uma divisão nas respostas, com 50% dos entrevistados dizendo que sim enquanto a outra metade (50%) respondeu que não.

As perguntas 3, 4 e 5 nos fornecem informações interessantes: o professor acima de tudo se move por amor e pelo comprometimento com a profissão. O salário é baixo, as condições podem não ser as melhores, mas o que move o professor, em muitos casos, é a necessidade do contato humano e a possibilidade de contribuir para o crescimento dos seus alunos. Freire (1996) nos relata que a vocação é uma força misteriosa que explica esta devoção com que a maioria do magistério nele permanece, apesar da imoralidade dos salários, os professores não somente permanecem como cumprem o seu dever como for possível. Logo, é uma característica profissional aprendida e desenvolvida com muito esforço e estudo.

Ao serem indagados sobre humilhações, os professores responderem que uma minoria já enfrentou este problema. Depois, quando foram solicitados a caracterizar e discriminar o tipo de humilhação sofrida, encontramos o desrespeito à autoridade do professor, por parte de alunos, como elemento mais citado. O professor é uma autoridade tal como um médico ou um juiz e, muitas vezes, vai para o trabalho na expectativa de encontrar um decoro, uma dignidade inexistente por parte dos alunos em seu local de trabalho.

Quanto ao empate na resposta da segunda pergunta, que fala sobre a escola ser um ambiente seguro, podemos inferir que muitos professores consideram que a escola em si é segura, no entanto concordam com os que responderam que a escola não é um ambiente seguro, quando analisam o potencial de conflito das relações sociais e humanas presentes, ou seja, ambos os grupos não acham a escola um local violento, mas a natureza das relações violentas requer um cuidado muito delicado para não desencadear em adversidades cotidianas.

Um outro entrevistado profissional da educação “A3” relatou que a escola fica em um bairro muito violento, com tráfico de drogas e brigas de gangues. No portão da escola tem um guarda patrimonial e a figura dele não impede que

qualquer pessoa entre a qualquer hora do dia. Esse educador relata que existe violência no âmbito escolar, no entanto ele não transmite essa mensagem aos alunos, segundo o professor: “não devo aterrorizá-los com o meu medo”. Mesmo assim para o docente a escola permanece sendo um ambiente seguro. “Tenho, inclusive, receio de o nível de violência invadir a escola e provocar uma tragédia. Risco de algum pai invadir e agredir um professor, como já vi acontecer”.

De acordo com um professor entrevistado, um docente foi ameaçado de morte pelo pai de seu aluno, o que o deixou extremamente abalado. Frente ao problema vivenciado, o professor saiu da escola, foi à Secretaria de Educação (SEDU), narrou o ocorrido e pediu que lhe fosse designado uma outra escola para trabalhar. Nunca mais o professor voltou à escola. Mediante este desrespeito, o entrevistado disse não se sentir seguro.

Afirma ainda o mesmo entrevistado que vê a preocupação do gestor escolar e demais envolvidos com a questão da violência ou segurança na escola, mas teme porque muitos alunos e pais não respeitam o profissional no ambiente escolar e afirma que não há vigilantes armados para proteger os profissionais.

Percebemos na fala do entrevistado que houve muito receio de se expor, a todo momento quis saber se a pesquisa poderia identificá-lo. Um temor característico de quem se vê em uma situação de vulnerabilidade. Ao final de sua fala, disse que não gostaria de passar nenhuma situação que fosse considerada de risco.

Na pergunta 6 os entrevistados foram questionados se já foram vítimas de algum ato violento na escola, 75% responderam que não enquanto 25% respondeu que sim. Aqui, violência é entendida como um ataque contra a figura do professor e não apenas às vias de fato. As formas de violência são por meio de ameaças e intimidações, sem contato físico, pois a ideia é esvaziar a autoridade professoral do indivíduo. Caso isto ocorra, o profissional de educação deixa de ser respeitado e pode vir a sofrer, de fato, a violência. Infelizmente, são vários os casos nos quais percebe-se que professores, em decorrência do trabalho em um espaço diário extremamente violento, têm como consequências doenças físicas e psíquicas.

A falta de reconhecimento e respeito à função do professor; o desrespeito dos alunos e seus pais, dos governantes e da sociedade em geral; a sobrecarga de trabalho, os baixos salários, a diminuição dos espaços de discussão coletiva, a tripla jornada, a culpabilização dos alunos pelos resultados negativos, entre outras situações auxiliam para que o professor desenvolva a síndrome de Burnout. Alguns dos sintomas desta doença são conhecidos como: depressão, esgotamento físico e mental, sentimento de incapacidade e até pensamentos suicidas. Estes são alguns indícios deste transtorno que causa um excessivo estresse, que impede a pessoa de lidar com situações do dia a dia de modo eficiente, Kuenzer (2004).

Sobre terem presenciado brigas nas escolas, 70% dos entrevistados disseram que já presenciaram brigas, enquanto 30% disseram que não. As brigas na escola acontecem em momentos de descuido, em momentos nos quais os olhos da instituição não estão alcançando o foco de conflito, de acordo com um dos entrevistados. Os alunos ainda respeitam uma certa autoridade escolar, por isto quando somos informados de uma briga, temos que correr com o intuito de apartá-la. Às vezes, essas brigas acontecem fora dos portões da escola, nas proximidades, ou em algum canto mais afastado no interior da instituição, onde as mediações de conflitos não conseguem fazerem-se presentes, acrescentou um dos entrevistados numa de nossas conversas.

Para Sales (2010), a mediação é um procedimento consensual de solução de uma lide, por meio do qual uma terceira pessoa, imparcial as duas partes do conflito, escolhida ou aceita por eles, age no sentido de facilitar ou mesmo encorajar na solução de uma divergência. A mediação na/da escola é uma ótima ideia para a minimização dos conflitos, interessante seria preparar na esfera escolar pessoas que pudessem ter esta dinâmica de ação e, inclusive, incentivar alunos a serem, também, mediadores de conflitos.

Um dos profissionais entrevistados, “A4”, relata que os alunos querem resolver seus problemas pessoais dentro da escola e acabam envolvendo a família que vem tirar satisfações com a escola: “Acho que se fosse só entre as crianças, tudo acabaria bem”. O professor via alunos discutindo com professor, falando pa-

lavrões e chegou a presenciar até tentativas de violências físicas. Também, houve episódio no qual uma mãe agrediu a filha na escola no turno de aula vespertino. Além disso, um aluno do matutino agrediu a mãe na escola e só não bateu nela porque o professor de educação física o segurou. São vários relatos, como o do caso de um professor que chamou a atenção de um aluno e este fez várias acusações indevidas sobre o professor ser homossexual. Outro aluno, “A”, fez várias acusações indevidas a um docente que havia chamado a sua atenção. Pelo fato de o docente ser homossexual, o aluno “A” criou uma hostilidade com esse professor, instigando outros discentes a falarem com a coordenação estórias inventadas pelo aluno acerca do professor, ofendendo a sua imagem. Após estes fatos tomarem grandes proporções, um dos colegas do aluno “A” contou que era tudo mentira, que a finalidade da atitude do aluno era prejudicar o professor.

Este entrevistado parece pedir socorro ao responder o questionário, é visível por suas respostas, que ele está preocupado com a conjuntura violenta da escola, como tem sido a situação com seus alunos e seus respectivos pais e a insegurança em que a escola se encontra. E ninguém parece resolver o problema. Notamos que nos dados, nos quais estes mesmos profissionais relataram que a escola é um ambiente calmo e seguro, mostram uma contradição, com a exposição de tantos casos de violência. Assim sendo, os relatos mostram que o cotidiano é perpassado por acontecimentos violentos que acabam sendo naturalizados pela frequência com a qual ocorrem.

Diferentemente do que pensa o senso comum, o Brasil e a sociedade brasileira são violentos. Concordando com Chauí (1989), que analisando o mito da não violência do brasileiro, identificou que os sujeitos sociais são transformados em objetos da ação de outrem, que a violência não advém da violação de direitos e costumes, mas da interiorização da dominação, das relações sociais através da família, da escola, dos locais de trabalho.

b) Formulário aplicado aos alunos

Este formulário foi aplicado aos alunos das 2 turmas escolhidas. Uma de 3º ano e outra de 4º ano, turmas ditas indisciplinadas e com várias ocorrências no

caderno de registro na escola. Os alunos também foram orientados a responderem com liberdade e justificarem suas respostas.

De acordo com as perguntas 8 e 9, podemos perceber que 88,9% dos alunos entrevistados disseram que têm amigos na escola, enquanto 11,1% sinalizaram que não têm. Já quando perguntados sobre ter alguém de quem não gostavam na escola, 66,7% afirmaram que têm pessoas das quais não gostam na escola e 33,3% disseram que não há pessoas das quais não gostavam na escola.

A escola é um local de sociabilização. Alguns poucos alunos não conseguem interagir e os motivos são os mais variados, que passam desde a não identificação com os grupos, características de natureza psicológica em se relacionar, baixa autoestima, descontentamento com *bullying*, etc. Todavia, a maioria dos alunos encontra ali um local para a criação de laços e vínculos de amizade.

A maior parte dos alunos prefere, inclusive, as áreas e atividades de sociabilização da escola. Ainda tem aqueles alunos que disseram que preferem, entre todos os horários, as horas de recreio e de saída. Por estes tipos de respostas, fica evidente que não gostam muito do ambiente de sua escola.

Snyders (1999) evidencia que é preciso oferecer um ambiente saudável, que é preciso existir a alegria na escola, gerando uma satisfação que a cultura deve e pode proporcionar aos alunos. Ele faz referência constante de **minha escola** ou **escola dos sonhos**.

A partir deste posicionamento, percebemos a importância e relevância de uma escola que seja agradável e que transmita a seus frequentadores um ambiente prazeroso, pronto para aprendizados e transmissão de conhecimentos.

De acordo com a pergunta 10, 84,2% dos alunos consideram a escola um ambiente seguro. Relatam que ao surgir qualquer problema, é só comunicar à coordenação e os responsáveis resolvem tudo; que por tudo que já passaram até hoje, consideram a escola um pouco mais segura; que a equipe de coordenação trabalha bem. Enquanto isso, outros 15, 8% não acham a escola um ambiente

seguro. Sentem que apesar de terem muitas brigas, a coordenação consegue resolver e tem muito adulto perto para socorrer.

Com isso, uma minoria não considera a escola um ambiente seguro. Este número pode ter relação com uma parcela que sofre ou sofreu algum tipo de discriminação, presenciou agressões, ou ouviu histórias e boatos sobre a tradição de violência da instituição. “Para a criança existe o espaço-alegria, o espaço-medo, o espaço protege, o espaço mistério, o espaço descoberta, enfim, os espaços de liberdade ou da opressão”. (SOUZA LIMA, *apud* FARIA, 2001, p. 70)

Este aluno, “B1”, na entrevista, afirma que a escola é segura, que qualquer coisa que aconteça a coordenação fica sabendo e toma providência. Porém, disse, várias vezes, que há brigas, há discussões e, inclusive, venda de drogas ilícitas. Logo, a escola, sendo acolhedora e segura, deve proporcionar aos alunos e professores um ambiente saudável para estabelecer amizades, conhecimentos e instigar descobertas científicas, físicas e emocionais através das relações interpessoais.

Dos alunos que já presenciaram briga na escola, 73,7%, relatam que as cenas presenciadas acontecem longe dos olhos dos professores e da equipe técnica escolar. Sabemos que o valor de ter um responsável que defenda a integridade é muito importante. Nesses relatos, percebemos que para que a briga aconteça, aparentemente os indivíduos procuram fazê-la longe dos olhos defensores dos professores e coordenadores. Todavia existem meios de desenvolver nos próprios alunos o conceito de cuidado e monitoria, no qual eles mesmos cuidariam uns dos outros.

Podemos observar que 10,5% já presenciou cenas de violência da parte de professores contra alunos e 21,1% presenciou cena de violência por parte de alunos contra professores. Pelos relatos e justificativas, alguns dos entrevistados dizem que se sentem seguros na escola, contudo percebemos que esta segurança salientada por estes indivíduos está sempre conectada à necessidade de ter um coordenador ou um adulto por perto para controlar as possíveis situações de violências que possam vir a acontecer.

Na pergunta 13, quando perguntados se já viram ou souberam de alguém entrar na escola com algum tipo de arma ou droga, 30,8% disseram que já viram ou souberam de entrada de armas brancas, armas de corte, faca, canivete, gilete, navalha e outras armas. Dos entrevistados 7,7% já presenciaram ou souberam ter entrado na escola armas de fogo, revolver, pistola, arma caseira, simulacros ou outros similares.

Segundo Abramovay, a disponibilidade de arma de fogo e as mudanças que isso impõe às comunidades conflituosas contribuem para o aumento do caráter mortal dos conflitos na escola. (ABROMOVAY, 2002). De acordo com a pergunta 13, percebemos que o ambiente não é tão tranquilo quanto é defendido pelos alunos. Várias armas circulando num espaço em que é proibido e até o vigilante faz uso de tais instrumentos.

Neste mesmo questionamento, 61,5% dos entrevistados já viram dentro da escola circulação de drogas tais como: cigarro, fumo, pedra de crack e baseados. Concordando com Rosa (2016, p.2) quando cita em sua dissertação que a escola brasileira tem atuado inadequadamente frente aos problemas sociais que envolvem a vida dos estudantes em especial: vida sexual, drogas e violência.

A escola está num processo de interação social, inclui saberes, valores, expectativas que poderão interferir na vida cotidiana do aluno, assim a instituição escolar deve estar atenta para desenvolver ações educativas e preventivas ao uso de drogas.

O questionamento de número 14 mostra-nos uma importante informação na qual pode-se verificar que 42,1% dos entrevistados disseram não terem sido maltratados, entretanto 57,9% (mais da metade dos entrevistados) disseram ter sido maltratados a escola. Além disso, os relatos das respostas confirmam que esta postura de maus tratos se deu por professores, por coordenadoras, por meninos maiores, por meninas mais fortes.

Ao perguntar e fazer a leitura das justificativas destas ações, percebemos que os maus tratos de professores a alunos, que alguns informam ter presenciado, são geralmente uma elevação de voz ou algum comportamento mais abrupto.

to do professor; nunca um roubo ou abuso de autoridade apareceram em algum relato. Outros alunos, curiosamente, disseram que o professor “tem que ser violento mesmo” para manter a ordem. Tal atitude de alunos defenderem a violência evidencia para nós como esta está impregnada na nossa sociedade, sendo considerada às vezes necessária.

Neste contexto, quando um aluno se diz maltratado pelo professor, é compreensível como um momento de um comportamento mais duro, com o intuito de chamar à atenção do aluno ou, ainda, como resposta a uma agressão à figura institucional.

A pergunta 15 revela-nos interessantes informações, nas quais percebemos que do total de entrevistados, 63,2% gostam de várias pessoas que trabalham na escola. 10,5% revelaram gostar de 2 ou 3 pessoas que trabalham na escola. 5,2% informaram gostar de 1 pessoa que trabalha na escola. Por fim, uma boa parte dos entrevistados, 21,1% disseram não gostar de ninguém da escola.

Este trabalho está em consonância com Snyders (1993), quando diz, em sua obra, que precisamos ter alunos felizes num ambiente escolar saudável. Como deve ser desagradável vivenciar a experiência de não ter ninguém na escola de quem se goste, e se sinta bem em estar perto. Por isso, o diálogo é muito importante para várias soluções de conflitos, evitando possíveis situações violentas ao longo da vida escolar.

Metade dos entrevistados disse que aconteceu algum tipo de violência com ela ou com um de seus amigos e que a deixou muito triste e os outros 50% relataram que nunca viram nada a respeito.

Metade de um grupo é muito preocupante, indica que realmente algo precisa ser feito para mudar a realidade destes alunos que, dentro de uma pesquisa como esta, conseguem expor o que estão sentindo como um pedido de socorro. Os principais tipos de violência que foram vistos e identificados na pergunta 16 foram brigas, *bullying*, piadinhas sem graça de professor, empurrões e xingamentos. Isto parece comprovar que os alunos percebem e se sentem mal por não serem respei-

tados. Assim, a pesquisa demonstra que, muitas vezes, uma violência que acontece com colegas e amigos próximos tem um efeito na vítima indireta que também está no ambiente. A violência machuca aqueles que não são diretamente atingidos factualmente e os amigos que agem com complacência em relação aos agredidos.

Um dos alunos entrevistados diz que a violência na escola tem várias causas: falta de educação por parte dos alunos, quando se trata de superioridade do professor em relação a poderes, explosões de raiva de alunos, falta de profissionalismo dos professores, xingamentos, brigas, ódio de pessoas, racismo, preconceitos, falta de educação dos maiores empurrando os menores, vendo-os se machucarem.

Percebemos que as perguntas dos formulários visavam averiguar algum rancor ou mágoa que os alunos têm sentido e que possam futuramente vir a “transbordar” em manifestações de violência. Observamos que, enquanto regente de sala, quando o aluno é ouvido, atendido em suas necessidades físicas e até emocionais e quando é valorizado, o retorno que temos deste aluno em diversas áreas da vida cotidiana escolar é surpreendente. Sua autoestima é encontrada ou elevada e ele começa a ver a vida de uma maneira melhor. Sente-se útil, importante no processo de ensino aprendizagem e, muitas vezes, descobre áreas de trabalho, disciplinas nas quais pode atuar ou se posicionar de maneira excepcional.

c) Formulário para os Pais de alunos

Os formulários e entrevistas feitas aos pais tiveram o objetivo de alcançar a família, ouvir e entender como ela tem se posicionado diante da realidade que tem vivenciado na escola. Além disso, como identifica a violência, que possíveis soluções sugere para resolver o problema, e como tem lidado com o filho frente às situações de violência no cotidiano escolar.

Segundo o questionamento 17, 87,5% dos pais estão satisfeitos com a escola na qual seu filho estuda. Todavia, diante dos dados, percebeu-se que 18,75% dos entrevistados avaliaram o ambiente escolar como “agitado”. Eles confiam na instituição escolar, bem como na equipe; e têm ciência, compartilhando a visão dos profissionais de que a escola não é um lugar de natureza violenta, mas sim de

conflitos permanentes que precisam ser mediados a fim de não desembocarem em algo maior. Verificou-se que eles se equivocaram de falar que o ambiente é violento, preferiram apontá-lo como agitado. Então, decidimos, por intermédio de mais questionamentos, tentar descobrir que tipo de agitação eles estavam percebendo.

Alguns pais relataram que o turno vespertino, nesta escola, tem um clima mais tenso e violento, porém, no turno matutino, ainda conseguem ter tranquilidade para frequentar a escola. Em um dos relatos foi feita a observação de que as salas de aula são muito cheias, contribuindo, assim, para um ambiente mais agitado e que alguns profissionais querem cobrar dos alunos comportamento de adulto, deste modo, observaram e destacaram a falta de preparo de alguns profissionais.

Os pais, em sua maioria, 62,5% declararam que não souberam de nenhum acontecimento violento na escola. Destacamos que, de acordo com os exemplos fornecidos pelos mesmos, as falas justificam algumas de suas respostas, mas a violência aparece mesmo quando a negam. Deste modo, surge a dúvida: Por que eles não relatam os acontecimentos? Medo dos reflexos que podem causar estas informações? Temor de comentar sobre os acontecimentos violentos perante a comunidade violenta na qual vivem?

Estes tipos de questões devem ser considerados a fim de entendermos melhor algumas contradições em suas próprias respostas, por exemplo, quando relatam que alguns filhos foram machucados na escola, brigas na rua da escola, brigas no horário escolar. Depois, quando questionados se já souberam sobre algum acontecimento violento na escola, alguns pais disseram que o próprio filho foi muito machucado em brigas entre os alunos e também destacaram a falta de preparo dos profissionais para lidar com esses casos. Por fim, quando questionados se os filhos sentem carinho pela escola e se têm colegas e amigos, a resposta foi que os filhos gostam muito da escola, das pessoas que trabalham lá e que têm vários amigos.

Os pais sentem que a equipe escolar é muito profissional e tem respeito. Os filhos mostram gostar muitos de todos que trabalham na escola, se envol-

vem nas atividades escolares e extraescolares, gostam de frequentar o local e não têm interesse em trocar de escola.

Analisando os dados das perguntas 20, 21 e 22, percebemos que mesmo a maioria dos pais dizendo que acham a escola um ambiente seguro, 88,9%, ainda percebemos que 44,4% dos pais na pergunta 22 já presenciaram brigas na escola e 22,2% dos pais na pergunta 20 já se sentiram humilhados e discriminados na escola. Num dos relatos, um pai diz que sua filha tem muito medo de uma coleguinha da sua sala de aula e sempre fica com medo de apanhar dela. Já outros pais disseram não levarem adiante contendas em que seus filhos estão envolvidos, mesmo acreditando que estavam certos, para que o assunto fosse encerrado logo. Num outro relato o pai diz que um dia foi muito humilhado e teve de concordar com o funcionário da escola afim de não estender mais confusão e ter seu filho marcado na escola.

Destacamos que 23, 33,3% dos entrevistados gostam de 2 ou 3 pessoas, mas a maioria destes não tem nenhuma afinidade ou amizade com os profissionais que trabalham na escola. Então, percebemos uma contradição de resposta em uma das perguntas anteriores no qual os pais apontaram que gostam muito da escola e não pretendem mudar seus filhos de escola.

As perguntas 23 e 24 nos mostram que os pais estão apresentando um padrão de respostas bem parecido com o padrão dos professores. Neste sentido, sua visão de violência é diferente da visão dos alunos, que veem a violência como uma maneira de manutenção da ordem em alguns casos. Os pais também têm consciência da natureza conflituosa do ambiente escolar e conseguem enxergar o potencial crítico de cada conflito.

Destacamos que os dados da pergunta 23 indicam que 33,3% dos entrevistados gostam de 2 ou 3 pessoas, mas a maioria destes não tem nenhuma afinidade ou amizade com os profissionais que trabalham na escola. Então, percebemos uma contradição de fala uma das indagações feitas aos entrevistados, no qual se apontava que os pais gostavam muito da escola e que não pretendiam mudar seus filhos de escola ou até mesmo que viam a escola como um ambiente agradável.

Alguns pais responderam que se fossem chamados pelo caso de violência, sendo seu filho agressor, iriam apurar o caso para não cometer injustiças. Outros responderam com variações: uns levariam para terapia, outros dariam uma surra. Outros conversariam, apurariam o caso para serem justos, buscariam o diálogo para conseguirem identificar o problema desta reação.

No caso do filho ser a vítima, os pais exigiriam uma atitude da escola, um diálogo sobre o que estaria acontecendo e procurariam saber o que aconteceu; e tentariam descobrir quem seriam os envolvidos. Além disso, responderam que mudariam o filho de escola.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ocorrências apresentadas mostram-nos quanto estressante pode ser o ambiente escolar para aqueles que ali trabalham e estudam, se esforçando para mantê-lo o mais saudável possível.

Muitas vezes, estas pessoas sacrificam a própria saúde para atingir este objetivo. Uma escola grande, em uma comunidade carente de recursos, afeto e organização social, sobrecarrega a equipe, quando os alunos reproduzem as realidades geralmente conflituosas por eles vividas.

Um ponto interessante a ser observado é a visão que as pessoas têm do ambiente escolar, não como sendo um espaço violento ou de natureza violenta, muito pelo contrário, a escola é onde se deposita a esperança de pais e professores na construção de um futuro melhor para os alunos.

O que gera a violência é a má gestão dos conflitos pela instituição escolar, ora sem mediação competente próxima, ora sem mediação nenhuma nas ocasiões em que se desenrolam o aumento das tensões que vão desencadear as manifestações da violência em suas mais diversas facetas.

Os formulários foram aplicados na expectativa de nos fornecerem um mapa da violência na escola do bairro escolhido e como resultado tivemos uma

cadeia de informações novas, que mostram o quão vivo é o ambiente escolar, bem como suas relações sociais.

Mais do que caracterizar os tipos de violência encontrados na escola, conseguimos ver como a esperança das famílias e da equipe se mantém viva na instituição em questão. A escola é vista como um ambiente efervescente de vida e de cultura e respeitadas como tal.

A valorização dos seus profissionais começa com um salário digno para tal função, mas vai muito além disto. É primordial investirmos em estruturas de humanização, de respeito e valorização do outro, com uma atenção especial para os alunos, no sentido de proporcionar um acolhimento mais presente com vistas a assistirmos estes alunos com afetos e estímulos positivos que estes não encontram em casa.

A agressividade, defesa natural do ser humano precisa ser contida até o ponto de autodefesa. Além disso, gera violência ao outro. Minayo (2009) nos diz que a transformação da agressividade em violência é um processo social e/ou psicossocial que contribui para as circunstâncias e situações da vida, para as relações interpessoais, para o ambiente cultural, para as relações primárias e comunitárias.

No ambiente escolar, os conflitos certamente vão acontecer. Isto porque são várias famílias, hábitos de vida, modo de criação familiar e culturas. Segundo Vinyamata (2005), existindo ou não conflitos, as intervenções precisam ser realizadas no ambiente escolar através de processos pedagógicos de mediação, negociação, e recursos adequados.

Como é importante conhecer diferentes formas de violência a fim de conseguirmos um caminho para enfrentá-las e superá-las. O nosso trabalho final tem por objetivo construir e dar oportunidade de despertamento e descoberta, além de servir de resgate da autoestima, da valorização do indivíduo enquanto parte no processo ensino-aprendizagem do aluno, de ser instrumento, caminho de prevenção para os conflitos escolares e do cotidiano do aluno.

Observando as respostas dados a partir dos questionamentos que fizemos aos nossos respondentes, em relação ao corpo técnico e administrativo

da escola, podemos dizer que esses profissionais não consideram a escola em que atuam como um espaço violento, mas sim, de difícil gestão de conflitos. Algumas insatisfações não são em relação à natureza da escola, mas em relação a problemas de ordem gerencial (de tempo, de atividades, por parte dos insatisfeitos, dentre outras). Esta dificuldade gerencial, às vezes, criada por uma grande quantidade de demandas diárias, traz um desgaste e pode levar a tensões à flor da pele, como é natural do ser humano.

5. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. *et al.* **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

ARENDT, H. **Da violência**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1985.

BOTELHO, R. G.; SOUZA, J. M. C. Bullying e Educação Física na Escola: características, casos, consequências e estratégias de intervenção. **Revista de Educação Física**, n. 139, 2007.

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

CHAUÍ, M. A não-violência do brasileiro, um mito interessantíssimo. In: GALVÃO, W. N.; PRADO JR, B. **Educação ou Desconversa?** Almanaque 11, São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 16-24.

DEBARBIEUX, E. **La violence en milieu scolaire I: état des lieux**. Paris: ESF Editeur, 1996.

DEBARBIEUX, E.; BLAYA, C. (Org.). **Violências nas escolas e políticas públicas**. Brasília: UNESCO, 2002.

FRANCO, M. S. de. C. **Homens livres na ordem escravocrata**. 3. ed. São Paulo: Kairós Livraria, 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: O jogo como elemento de cultura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001.

KUENZER, A. Z. Sob a reestruturação produtiva, enfermeiros, professores e montadores de automóveis se encontram no sofrimento do trabalho. **Trabalho, educação e saúde**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 107-119, 2004.

LARANJA, P. R. **Convivências, sujeitos e violências nos cotidianos escolares**. 2020. Dissertação de mestrado (Mestrado em Segurança Pública) – UVV Vila Velha, Vila Velha, 2020.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & saúde coletiva**, Rio de Janeiro, vol.17, n. 3, p. 621-626, 2012.

_____. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde. In: NJAINE, K.; ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P. (Org). **Impactos da Violência na Saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

PAVIANI, J. Conceitos e formas de violência. In: MODENA, M. R. (Org.). **Conceitos e formas de violência**. Caxias do Sul: Educus, 2016. p. 8.

PEREIRA, B.; NETO, C.; SMITH, P. Os espaços de recreio e a prevenção do “Bullying” na escola. In: NETO, C. (Org). **Jogo e desenvolvimento da criança**. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana, 1995. p. 238-257.

PERINE, M. **Filosofia e violência: sentido e intenção da filosofia de Éric Weil**. São Paulo: Loyola, 1987.

ROSA, S. P. Os desafios da Escola Pública Paranaense na perspectiva do Professor PDE. **Drogas e Ambiente Escolar: Desafios da Educação**, Paraná, 2016.

SANTOS, D. A. dos. **Contribuições da psicologia histórico-cultural para a compreensão do adoecimento e sofrimento psíquico de professores**. 2014. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 8. ed. Campinas: Autores associados, 1985.

SOUZA, M. Por que devo gostar do meu trabalho e minha profissão? **Administradores.com**, Paraíba, 10 mai. 2015. Disponível em: <https://url.gratis/7km2Ea> . Acesso em: 20 abr. 2021.

TONET, I. Atividades educativas emancipadoras. In: **Praxis Educativa**, Maceió, v. 9, n. 1, 2014. Disponível em: <https://bityli.com/1v4r4> . Acesso em: 03 jul. 2020.